

Uma escola sem futuro

“A gente tem vontade que eles *estude*, mas é tão difícil conseguir escola por aqui. *Antão*, eles *pára* de estudar”, resume Dilma Lice da Silva, a *Néia*, mãe de três filhos, dois deles na Escola Municipal Toca da Onça, uma casinha bem conservada e limpíssima, de paredes brancas e janelas pintadas de verde, perdida numa região com casas esparsas e muita vegetação, na zona rural do município de Friburgo, Estado do Rio.

É a única escola num raio de mais de dez quilômetros. Ali estão matriculadas 21 crianças de várias idades e vários níveis escolares que estudam juntas na única sala reservada para as aulas. Por dia, não aparecem mais de dez. Após a quarta série, o destino delas é um só: parar de estudar. Para chegarem a escola de 5ª a 8ª série mais próxima, teriam que andar por mais de duas horas.



Geni só tem a 3ª série

Néia é merendeira da escola há cinco anos, porque o prédio foi construído em terreno doado pelo sogro. Critérios nada pedagógicos também levaram Geni Thomas Faltz a virar professora. Com 42 anos, lecionando há 25 na região, Geni não tem sequer um certificado de conclusão da 4ª série do 1º grau — só estudou até a 3ª. “Quando tive oportunidade de continuar a estudar, minha filha nasceu e não deu para dividir o tempo”, conta ela, que começou a dar aulas porque o professor local se mudara. “Tinha uma porção de gente que precisava de estudo e eu comecei a explicar o que sabia”, diz. Embora não tenha formação docente, Geni é paga pela prefeitura de Friburgo — Cr\$ 23 mil, o mesmo que a merendeira *Néia*.

Geni considera “difícil” o livro didático que usa para dar aulas para todas as séries. Inibe-se e não admite que ela mesma não compreende bem o que está escrito ali. “A gente nunca pode fazer um trabalho direito. Se da atenção para um, o outro fica a desejar”, lamenta.

Os alunos estampam a dificuldade da professora. Para Rosane Guimarães da Silva, 15 anos, os cinco anos que cursou, da alfabetização à 4ª série, na Toca da Onça, foram em vão. Fora da escola desde os 11 anos, ela arregala os grandes olhos azuis para dizer que não sabe que conta fazer para calcular quantas sacas de inhame — principal produto da região — lhe restarão, se ela tiver cem sacas e vender 20. “Aí é que eu preciso pensar”, diz sorrindo. “Não lembro de nada da escola”.